

Para que servem as emoções?

Fátima Flório Cesar¹

Resumo: O artigo que se segue relata o encontro clínico de uma paciente com sua analista, após ser abandonada pelo marido. A compreensão da perda não se restringe ao luto frente ao abandono, mas é principalmente entendida como perda do ser e, mais especificamente, àquilo que não se constituiu, ao negativo: a uma integração e existência psicossomática estabelecidas precariamente. A invasão de emoções em excesso, a experiência do ódio, até então negado, conduziu a paciente a um desconhecimento de si. No decorrer do processo analítico, clamava em desespero não apenas pela volta do marido, mas ainda pela reconquista de seu anterior modo de estar no mundo. Frente ao temor diante da experiência de emoções profundas, refugiara-se no contato sensorial exacerbado com objetos e elementos da natureza que simultaneamente produziam um estado de maravilhamento e um medo de enlouquecer. Quando se rompe o vínculo de confiança com o marido, seus recursos de sobrevivência psíquica colapsam; o pavor diante de extrema turbulência emocional leva à insistente pergunta: “para que servem as emoções?”. Na relação com a analista estabelece-se um pedido de continência e compreensão das experiências até então não compartilhadas.

Palavras-chave: perda; sensorialidade; emoção; posição autista-contígua; formas autísticas.

Para que servem as emoções?

Esteja ao meu lado quando minha luz enfraquecer
Quando o sangue se arrastar arrepiando, e os nervos alfinetarem
E formigarem; e o coração estiver doente,
E todas as rodas da Existência se tornarem mais lentas.
Esteja ao meu lado quando a imagem sensual
For torturada por agonias que subjagam a confiança;
E o Tempo, poeira maníaca dispersante,
E a Vida, chama lançada de Fúria.
Tennyson

A cada trabalho que faço, a pergunta se sustenta: para que serve a psicanálise? Qual o papel/posição do psicanalista? O quanto ajudamos aquele que nos procura? Já não tento responder à questão proposta por Pontalis: “Que loucura é essa que, às vezes, nos acomete de querer curar os outros?” (1988b, p. 9). Sossego, tem pergunta sem resposta. Mas há questões que insistem – são aquelas que se referem à nossa posição de analista e diretamente à ética na qual nossa tarefa diária de terapeuta se insere. Acercos-me do *fundamental* e tudo que é fundamental é difícil de definir: o que é psicanálise, o quanto ajudamos etc. Penso que temos que transitar entre o esforço de

1 Doutora em Psicologia Clínica – PUC/SP

responder e a renúncia à definição. Isso é paradoxo: por isso, com frequência, deixo ao leitor que pesque nas entrelinhas e convido-o a um percurso à meia luz.

O trabalho é múltiplo, tantas vidas humanas, umas surgidas do Brejo da Cruz ou da Lanterna dos Afogados, outras emergem dos Jardins com suas queixas vagas, suas dores enviesadas. Eu, de meu lado, sinto-me muitas, pela diversidade de emoções que me despertam, pelo sono que surge num determinado encontro, pela vivacidade que atravessa outro. Sou muitas à medida que construímos enquadres distintos conduzidos pelas necessidades da dupla e fundamentalmente do paciente. Embora estabeleçamos enquadres e encontros tão variados – sou a mesma – segundo meu *idioma*² me nomeio e sou nomeada.

Fazemos, ou melhor, tentamos fazer aquilo que o paciente necessita – como já disse Winnicott (1962) – fazemos psicanálise, se não, somos psicanalistas fazendo outra coisa. E por que não haveria de ser?

Figueiredo afirma que as diferenças entre os casos nos parecem tão grandes que fica difícil encontrarmos aspectos mais ou menos comuns aos processos analíticos. Como definir o que fazemos como psicanálise? O autor responde:

Em todas as circunstâncias estamos às voltas com alguma elaboração da experiência emocional (Bion, 1977). Turbulência emocional é que se gera quando analista e seu “paciente” (ou “candidato a paciente”) se encontram. Neste momento, de alguma forma se evoca algum aspecto da “loucura precoce”, com seus extremos passionais, (Green, 1980), bem como aí também se evocam as defesas contra as turbulências. (Figueiredo, 2009 p. 102)

Encontramo-nos em uma situação especial: o enquadre analítico e, também este, assegura Figueiredo, varia bastante de paciente para paciente, correspondendo a um “enclave na vida civilizada, uma clareira nas formas de vida civil, capaz de evocar e convocar (para não dizer, induzir), e, ao mesmo tempo, conter a experiência emocional primitiva (a experiência de “loucura precoce” com suas altas voltagens de excitação e frustração, voracidade, raiva e pavor), cuja intensidade passional é incompatível com as “boas maneiras” (p. 103). O enquadre também é visto como “quadro de espera” (Donnet, 1976) – “a oportunidade de esperar e induzir alguma regressão destinada à escuta do infantil (da loucura) e sua progressiva elaboração, vale dizer, à escuta das fantasias inconscientes correlatas às experiências primordiais, fascinantes e mais ou menos traumáticas, a partir das quais se constituiu e reconstituiu o psiquismo do paciente. São elas, bem como as defesas primárias contra elas,

2 Refiro-me aqui ao conceito de Idioma segundo Christopher Bollas: “O idioma de uma pessoa refere-se ao núcleo único de cada indivíduo, uma figuração do ser, parecida com uma semente que pode, sob condições favoráveis, evoluir e se articular. O idioma humano é a essência definidora de cada sujeito, e, embora, todos nós tenhamos certo sentido sutil do idioma do outro, esse conhecimento é virtualmente impensável.” (1989; p. 236)

que são evocadas e provocadas na regressão propiciada pelo enquadre: a isso chamamos de *transferência*, uma re-ativação e uma relativa atualização da loucura, sob controle” (p. 106). Adiante, Figueiredo conclui que o que instala o enquadre “é a oferta de escuta a uma demanda proveniente do infantil, escuta em reserva, escuta em espera, aberta ao que sofre e se repete” (p. 107).

Tanta variedade na clínica – desde os casos neuróticos, os pacientes não-neuróticos, as patologias do *self*, as psicoses mais organizadas – o que determina que o enquadre vá sendo ajustado, respeitando as singularidades para provocar, abrir espaço para a emergência da loucura e do infantil.

Alguns encontros nos comunicam o sentimento de que estamos diante de alguém para qual a vida trouxe tantas feridas, mas está ali disposto a se deixar remexer apesar de todos os movimentos de revolta frente ao sofrimento que o visita. Em outras palavras, disponível para a regressão, para a emergência do infantil e da comunicação de sua loucura precoce. Mexida, remexida são chavões antigos; mas não consigo deixar que me venham à mente outras palavras para descrever Clarice quando chega para me pedir ajuda. Como se alguém tivesse adentrado seu peito, arrancado vísceras, coração, me chega assim ferida, para lá de remexida – apresentando dores até então desconhecidas.

História da perda

Abandonar alguém é um ato de uma covardia. É de uma brutalidade típica da morte. Somente a morte pega as pessoas assim desarmadas, de pernas abertas, nuas.
(Marilene Felinto, 2002)

Deveria haver uma lei que proibisse a obscenidade do abandono. Um decreto cheio de artigos, parágrafos, itens e subitens que proibissem a usurpação das ilusões e as fraudes amorosas. Que estabelecesse o direito humano alienável e incontestável de ser amado pela pessoa amada.
(Marilene Felinto, 2002)

Clarice chorava desesperada porque o marido interessado em outra resolvera se separar. Clarice assustada diante da reação de tanta dor, apavorada de herdar a “amargura da mãe”: “nunca se vira assim com tanto sofrimento, passara a vida sem motivos pra chorar”. Mas me conta da separação do pai quando tinha 17 anos, dos oito irmãos desamparados pela mãe tarefeira e inacessível afetivamente, do pai que deixou a casa por causa de “outra” e que nunca mais cuidara dos filhos. Mas não via

isso tudo como uma vida difícil. Estava, entretanto, apavorada de parecer assim com a mãe, que nunca mais se recuperara da separação, que arrastava fel e confusão por onde caminhava.

Chega à segunda sessão mais tranquila. Diz que eu tirei com minhas mãos a dor de dentro de seu peito e agora saíra da confusão, raciocinava enfim, graças a Deus a *razão* voltara. E tinha que ser assim, não podia ser de outro jeito: o racional comandando as emoções, estas serviam para quê?

Mas uma tristeza sonda seus caminhos e “que mistério tem Clarice para andar assim tão triste”, para além da separação e das dores atuais. Uma luta ferrenha se estabelece: tem regra, tem caminho, senha, atalho para deixar de chorar assim tanto uma separação? É só uma separação – afirma em dor. E as outras mulheres – quanto tempo leva uma mulher para se curar de dor de abandono, para se livrar do ódio da outra porque a outra alimenta essa raiva que ela jamais havia sentido? Não admitia que pudesse demorar tanto a esquecer. Três dias é pouco? Três meses é muito? Mas já faz seis meses!

É preciso esquecer, tirar a pessoa da cabeça, da memória. Esquecer aquela pessoa, parar de pensar nela para sempre, cortar todas as lembranças. É uma tarefa monstruosa, porque a pessoa está instalada lá, como uma raiz instala e infiltra seus tentáculos no mais profundo da terra, esparramando-se a perder de vista, numa rede sem começo nem fim, numa meada sem ponta de fio, em nós que não desatam, como uma grande árvore de caule, de tronco poderoso e áspero e antigo, que é preciso cortar pela raiz ou esperar a eternidade que vai levar até que ela apodreça, tombe e caia. É preciso cortar pela raiz.” (Felinto, 2002, p. 36)

Retrato provisório

Ela se apresenta como aquela que até então admirara as imperfeições humanas, amando os humanos em suas fragilidades: o tio mais chato, o pai abandonador, a fraqueza de um e outro. Também amara até então a vida de uma forma tão singular: o vento, os objetos, se encantava com ardor diante de seres humanos e não humanos. Ela se via um tipo de Dr. Spock³ do *Jornadas nas Estrelas* pela singular habilidade que unia a ambos: um estranho poder de com as mãos sentir o que o outro sente. Esse

3 “Mister Spock é uma personagem da série original de televisão *Star Trek* (Jornada nas Estrelas), interpretado por Leonard Nimoy. Spock tem um sobrenome, nome de família, que nunca é indicado na série, porque é impronunciável por seres humanos. Spock é o filho do embaixador vulcaniano Sarek e da sua esposa humana, a professora Amanda Grayson. Embora Spock se identifique como vulcaniano – o primeiro vulcaniano a se juntar à frota estelar, ao contrário dos desejos de seu pai, que gostaria que ele ingressasse na Academia de Ciências de Vulcano – apresentava um conflito interno permanente entre a razão e a lógica da sua metade vulcaniana e da emoção e da intuição humana. Para os padrões humanos, no entanto, é inacreditavelmente lógico e totalmente destemido face ao perigo.” (<http://pt.wikipedia.org/wiki/Spock>)

poder também se estendia a objetos: podia senti-los e encantar-se de tal forma que experimentava uma espécie de êxtase.

Que mistério tem Clarice? Mas isso tudo era seu lado secreto, incomunicável – quem haveria de compreendê-la? Nem o marido e agora que ele se ia, vinha o terror de ser arrastada por um desejo tamanho que chamava de despojamento. Temia que largasse tudo, porque essas vivências a conduziam não se sabe para onde. Largar tudo já começava no jeito de vestir – ela com um grande cargo público – com vestido de chita, sandalhinha rasteira ou o mesmo sapato do tipo vulcabrás de um tempo antigo. Os pés. Às vezes, eu pensava que Clarice se revelava pelos pés. O mesmo velho vulcabrás, o ritual de tirar o sapato e deixar os pés à mostra (pequenos demais para sua altura) e parecer ficar desse jeito à vontade ao meu lado – eu que fora escolhida para receber palavras nunca dantes pronunciadas. Os pés. Sem vergonha dos pés, chega esquecida no trabalho com a havaiana mais sujinha, mais velhinha. Mas não reparara, me afirma. Os outros é que avisam: “olha aí Clarice, tá demais!” Os outros seguram seus pés ao solo, senão ela pode voar. E para onde – me pergunta aflita? Isso é loucura? É esse o caminho dos que enlouquecem? Uma encruzilhada: a ânsia por um estado de maravilhamento diante do mundo, ela e aquele formando uma coisa só e o medo dessa mistura conduzi-la à loucura e ao isolamento dos demais humanos.

Mas agora ela não se reconhece mais, ela não se reconhece além de um feixe de dores sem sentido e é quando me pergunta para que servem as emoções. Porque ela sempre fora racional e o que queria, conseguia. Agora não tem atalho, senha, caminho que encurte a dor. Eu me espanto porque a vida não lhe dera trégua, mas é na perda atual que desmorona: é quando o sofrimento a visita. Passara a infância sozinha, era mais uma dos oito irmãos, passeando com seus bonecos, já experimentando pequenos encantamentos no vislumbre de teias de aranha e não conseguindo entender que importância podia ter pai ou mãe. Para que servia pai e mãe? Ou que danos poderia ter sofrido pelas vivências infantis que apenas *a posteriori* percebera como traumáticas?

Guardava como relíquias duas lembranças que sustentavam sua relação com os pais. Um dia a mãe a olhara com tamanha intensidade – aquilo supunha era uma comunicação profunda. Um dia cortara a mão e o pai a levava para o pronto-socorro – aquilo supunha era amor verdadeiro. Em torno dessas lembranças construíra sua relação com os pais – nenhum a mais, nada mais de recordação – mas aquilo era tão precioso, era muito, era demais, não tinha motivo para tanta lágrima. Tanto choro não tinha sentido, porque fora aquela que atravessara a vida sem dor. Se tinha algo a reclamar era de um período de solidão. Mas dor não. Essa dor sem sentido.

A família

Clarice sempre quisera ter filhos, sua prioridade na vida era a família. Tivera quatro abortos espontâneos e agora seus filhos eram o que tinha de mais importante na vida. O casamento era estável, portanto, se assustara quando o marido contou que estava se envolvendo com outra mulher. Fora só um beijo, mas o suficiente para deixá-lo confuso e atraído pela ideia de viver essa paixão. Clarice não apenas não aceita, como não compreende: o que tem de tão bom numa paixão? Como alguém se deixa apaixonar? Durante um tempo, o marido permanece em casa aparentemente determinado a reconstruir o casamento. É um tempo em que as lágrimas secam e Clarice se volta inteiramente e esperançosa para o marido. Depois de um período, ele sai finalmente de casa e a mulher experimenta algo vizinho da dor: o ódio. Ser trocada dói demais e, ela, sempre tão tolerante, ela que compreendera o próprio pai quando saíra de casa, não pode aceitar o abandono, nem a troca.

Sua bondade caíra por terra, a raiva até então não apropriada emergira sob a forma de barracos, escândalos, emails desaforados. Aquela que tolerava tudo não existia mais: era-lhe assustador sentir tanta raiva. Pior que isso era não se reconhecer mais – como podia ser a mesma: aquela-que-amava-as-fragilidades, aquela-que-espumava-de-ira, aquela-que-acordava-feliz, aquela-que-atravesava-o-território-da-dor? Alguém é uma coisa só: mas eu precisava comunicar-lhe que ela era todas. Eu era a testemunha de que ela continuava sendo a mesma. Entretanto, sentia-se abduzida por aspectos-corpos estranhos que revolviam seu ser e faziam desconhecê-lo. Uma árvore em frente ao consultório tem nos meios dos galhos uma outra árvore nascendo: aquilo era ela, me mostra. Essa estranheza emergindo do interno. Vejo a árvore, imagino antes algo monstruoso, uma parasita – surpreendo-me: é um arbusto verdejante que desafia o mesmo da velha árvore. Parece coisa nova, mas quem disse que coisa nova não pode ser assustador se não se incorpora ao próprio ser? Assim, Clarice lamenta, não há sinal de ressurreição naquilo que brota – aquilo que nunca fora dela, agora lhe era imposto por uma insurreição estrangeira.

Nesse percurso de desconhecimento de si, Clarice se via diante de dolorosas e novas percepções: o quanto fora sozinha, o quanto continuava sendo, uma triste concepção dos pais completamente diferente daquelas duas lembranças que ancoravam seu afeto por eles. A pergunta se mantinha: para que serviam as emoções? O que se aprende com o sofrimento?

A dor sem sentido

A dor em si não tem nenhum valor ou significado. O quanto de razão não teria Clarice? Para que a dor?

Ela está ali, feita de carne ou de pedra e, no entanto, para acalmá-la, temos que tomá-la como expressão de outra coisa, destacá-la do real, transformando-a em símbolo. Atribuir um valor simbólico a uma dor que é em si puro real, emoção brutal, hostil e estranha, é enfim o único gesto terapêutico que a torna suportável. Assim, o psicanalista é um intermediário que acolhe a dor inassimilável do paciente, e a transforma em dor simbolizada. (Nasio, 1997, p. 17)

Mas o que significa então dar um sentido à dor e simbolizá-la? – pergunta com propriedade o psicanalista.

Não é, de modo algum, propor uma interpretação de sua causa, nem mesmo consolar o sofredor, e menos ainda estimulá-lo a atravessar sua pena como uma experiência formadora, que fortaleceria seu caráter. Não; dar um sentido à dor do outro, significa para o psicanalista, afinar-se com a dor, tentar vibrar com ela, e, nesse estado de ressonância, *esperar que o tempo e as palavras se gastem. Com o paciente transformado nessa dor, o analista age como um bailarino que diante do tropeço de sua parceira, a segura, evita que ela caia e, sem perder o passo, leva o casal a reencontrar o ritmo inicial. Dar um sentido a uma dor insondável é finalmente construir para ela um lugar no seio da transferência onde ela poderá ser clamada, pranteada e gasta com lágrimas e palavras.* (Nasio, 1997, p. 17)

Para que servem as emoções? O que se aprende com o sofrimento? Clarice me interroga sobre o fundamental e como responder ou calar diante do essencial? Pergunta de dor e que, como diz Nasio, só pode ter um sentido se construirmos um lugar e atravessarmos juntas esse território de terror e lágrimas. Para ela até então, era uma opção ver a vida e os seres com bons, excelentes olhos, querer era poder, a raiva era um sentimento desconhecido, a origem-deserto-de-afeto só faria sentido a posteriori. Ter pai e mãe era algo estranho à Clarice: não “realizava” que eles tivessem falhado ou que tivesse precisado deles. Parecia não haver registro de que havia sido concebida (no desejo, na alma, antes que na carne) por um casal. Era mais uma entre oito, tinha a clara percepção de não ser vista e para sustentar um pouco de experiência de ser olhada, guardava como tesouro precioso duas lembranças. Mas agora, em meio a tanta turbulência emocional, desconfiava das mesmas. Solitária desde a infância penso que Clarice se auto-inventara – como se tivesse sido concebida por si

própria. Paradoxalmente seu projeto de vida era ter uma família e filhos principalmente. Não sabia que seria capaz de dar a eles o que não recebera. Sua relação intensa com os dois, especialmente com a filha apresentava aspectos de indiscriminação. “Eram tão parecidas!” – exclamava. Experimenta então uma experiência de fusão que não tivera na infância.

Não ter sido “concebida”, não ter sido vista, determinou tamanho desalojamento que impediu a identificação com o mundo humano: áreas do sentido de si mesmo representadas como não humanas não puderam acontecer no encontro com o rosto do Outro. O resultado é um profundo sentimento de estranheza e exclusão. Sente-se “a estranha” e sem parentesco algum com outro ser. As identificações vão se constituir fora da espécie humana: Spock, ETs. É interessante observar o percurso de identificação: o aparentamento com a árvore e seu broto estrangeiro estaria significando uma maior proximidade com o mundo dos homens? *Um lugar: o consultório, os arredores, sua extensão acolhedora, um porto para Clarice?* O encontro comigo como um espaço de esperança para se ver finalmente refletida no olhar do próximo?

Um lugar para Clarice

Aqui vale retomar as primeiras colocações do texto quando apresentava o conceito e a importância do enquadre segundo Luís Claudio Figueiredo. Ressalto em Clarice sua necessidade de enlouquecer, de deixar emergir o infantil. A oferta de um *lugar (o enquadre)* e de uma escuta em que a loucura pudesse se “esparramar” possibilitaram que a confiança se estabelecesse, uma experiência de cuidado fosse levada a cabo de modo a que eu me sentisse autorizada a dizer que isso é próximo ao que se define como fazer psicanalítico. Acompanho-a em seu prantear da dor por um luto que não se referia apenas à perda do objeto. Prantear a dor frente ao seu próprio enlouquecer, à perda de si, ao desconhecimento de si própria, aos seus pedaços desgarrados e incompreensíveis. Acompanhá-la equivale à oferta de um tempo e de um lugar para que a dor se gaste e o estranhamento frente às partes cindidas ceda lugar a um processo de integração. Eu preciso disponibilizar um habitat para sua loucura num espaço protegido para a regressão. Nosso encontro tem-se fundado na *confiança*: o lugar emerge da confiança. Procuro estar disponível para acolher sua loucura e sua solidão – é essa sua *necessidade*.

Medeias

Como imaginar que aquela adolescente de outrora que ficara ao lado do pai e da outra, enquanto todos os outros irmãos lhes viravam os rostos, hoje se incendia de ódio pela “sua” outra e pelo seu ex? É sua vez de virar o rosto, o intolerável é cruzar o olhar, não quer conversa, não compreende a paixão nem a traição e sabe que é tão parecida sua história com a de sua mãe e agora reza pedindo perdão porque a via tão insuportável. E viveram/vivem ambas histórias que quase se sobrepõem. A “tristeza é uma forma de egoísmo” (Arnaldo Antunes) e as crianças, os oito de uma, os dois de outra são quase sacrificados. Clarice, ah! se pudesse fugia com os filhos para se salvar da dor e se vingar de seu Jasão. Amor e saber se separam, afirma Nasio: “Entre a clareza do amor e a clareza do saber, escolho a opacidade do amor que acalma a minha dor” (p. 30). A cegueira vence e eu repito que Clarice é capaz de deitar sua dor sobre seus dois filhos e envenená-los de egoísmo.

A inquietação das pernas

Minha proximidade de Clarice, proximidade esta que eu pretendia que acontecesse numa distância justa capaz de manter um vínculo de empatia e diferenciação me conduzia à imaginação de sua fala-expressão de terror vivenciado:

A inquietação nas pernas. A inquietação na alma. Essa impaciência que me corrói por dentro, por fora, que me revela quando eu gostaria de passar incógnita na minha loucura, que de doce não tem nada. É ardida e me traz essa inquietação nas pernas, os olhos que não sossegam, incapazes que estão de fazer deslizar a leitura nas linhas dos livros, dos textos, dos processos a serem trabalhados. Aquieta-me, Senhor, me oferta um lugar onde eu possa repousar. Me oferta uma pedra como no sonho de Jacó, da qual eu possa fazer meu travesseiro e deitar o corpo com serenidade. Porque todos os sentidos estão em alerta, inquietos, desesperados por paz. Todos os cômodos da casa já foram percorridos e eu não me encontro em nenhum. Não o encontro, Senhor. Aquele homem que deitara comigo por tantos anos, dividimos o leito, o sustento da casa, o cuidado dos filhos – agora é um estranho. Perambulo perdida de referência dentro de meu próprio lar – agora sou também uma estranha. Mas posso chamar de lar aquilo que é casa, onde outrora sosseguei meu corpo e alma e hoje, aflita, não consigo habitar? Queria um punhado de paz de volta, não esse vai-e-vem de emoções, queria a linha contínua de um horizonte capaz de apaziguar minha tormenta. Loucura ardida porque diferente da doideira doce de outrora, dos maravilhamentos que experimentava. Não é só tristeza

não, que tristeza deixa a gente quieta num canto, tristeza faz a gente puxar um lençol e se embrulhar em lembrança doída. É que junto da tristeza, às vezes parece até pior, vem um mal estar no corpo, de um tipo que não é de imobilizar e derrubar e fazer a gente catar um quarto escuro qualquer. Não, pode ser o pior, nem sei mais, porque o espelho em que ficou a minha face se perdeu, se quebrou ou nunca existiu. O pior pode ser essa distância impaciente do mundo, é estar longe quando alguém me fala, as olheiras aprofundam porque eu sou toda ouvidos só para as minhas tortas dores. Alguém me fala e eu vou partindo quando eu dava tudo para estar junto novamente. Mas tem coisa na vida que puxa o tapete de você mesma. Tá lá o corpo estendido no chão. Mas um corpo que não se aquieta, que se debate: os olhos piscam, as pernas mexem, as mãos sem lugar onde sossegar. Ah! Tamanho desassossego! Por isso tento dar um destino a tanta impaciência: rodo 30 minutos, 40, uma hora, duas horas de bicicleta até ela se quebrar; porque nem ela aguenta a sede de movimento desse corpo magro. É pior que a tristeza? Perder o rumo dos próprios gestos, percorrer cada cômodo da casa e não te encontrar, você, um vocêzinho capaz de virar minha vida desse jeito. Como uma separação pode causar tanto desatino? Eu percorro cada cômodo da casa e não te encontro, você que foi infiel, que fudeu comigo e com nossos filhos. Eu percorro cada cômodo da casa e não sossego. Darei tantas voltas forem precisas até te esquecer, até me encontrar. Porque não sou eu nesse corpo inquieto, nesses gestos imprecisos, nesse gosto amargo na boca que me tira a fome. E eu vomitarei em ti, escarrarei, hei de maldizer teus caminhos, porque me tiraste do meu. Esse ódio que eu não conhecia. Livrai-me, Senhor, desse ódio que eu não conhecia.

Fantasma

Clarice me entrega uma poesia: “Nada tenho a dizer/Nada tenho a fazer/Em nada interferir/Sem dimensão, sem peso e nem altura/Nas passagens não deixo marcas/As marcas que tenho são só minhas,/fantasias da alma/que não são vistas/que não são sentidas/que não existem/marcas reais e carnavais deixadas por um mundo só de poesia.” Clarice

“A perda do amado é uma ruptura não fora, mas dentro de mim” (p. 32), ressalta Nasio. O caminho por onde adentramos em nossos encontros confirma a proposição do psicanalista. Não se trata de uma história de perda apenas (?). Mas a perda do amado é como se a vida puxasse o tapete de seu edifício interior e o desmoronamento dissesse respeito a todas as perdas, ou mais exatamente, ao negativo: àquilo que não se constituiu. O efeito é a perda de sua unidade costurada, gambiarrada, de uma existência-fantasma, de uma habitação precária no corpo. O corpo que

hoje desconhece ou reconhece em seus disfarces de outrora: não se vê como mulher, como pessoa, com idade. Sempre sonhara em ser um desses ETs que não se arrumam, todos iguais, sem emoção e ao mesmo tempo com total tolerância ao próximo. Agora uma encruzilhada: porque as emoções perturbaram, para lá de bagunçaram o coreto do que imaginara de si. A dor veio encoberta, arrastada em seus disfarces, arrastada desde a infância. “Uma infância são ânsias” (Felinto, 1992; p. 69). E o que fizera de suas ânsias? Um punhadico de lembranças, um amontoado de ausência que costurara de um jeito que não trazia sofrimento. Ausência traz sofrimento? Para que serve pai (para os filhos) se ela conseguira viver sem o seu? Mas a ausência se transmuta em curva de rio, onde se acumulam os destroços do impensável. E a perda de agora é que nem curva de rio que segura o fluxo, que guarda ausências e perdas anteriores. É preciso transpor uma montanha de inexistência para atravessar a perda – porque todo luto requer trabalho e tudo ficou embaralhado quando se deu o enlouquecimento da bússola interior: ora se perde o amado, ora se perde a si. E provavelmente a maior perda, ou melhor, a perda fundamental seja a perda do ser. Ou, mais precisamente, perda do que não houve e do que não se constituiu.

Um fantasma que pede contato, que clama por encontro. Não imaginem Clarice distante ou seca. Abraça-me com tamanha força, que eu posso sentir seu corpo magro pedindo abrigo, sua solidão encarnada pedindo pertencimento. Mas não nesse mundo – afinal, quem haveria de compreender suas “loucuras”? Não há lugar no mundo onde se sinta fazendo parte: falar de roupa, de assuntos triviais? E quem acolheria sem susto sua “mistura” com o mundo, seu lado Dr. Spock que anda tão (infelizmente, lamenta) oculto pela dor? Um broto de pertencimento surge em nossos abraços, nossas conversas, tantas sem resposta. Porque repito: Clarice me questiona sobre o fundamental. Logo ela, a quem faltou o fundamental. E eu perplexa – como não ficar boquiaberta diante do que é essencial?

O pavor dos excessos

É preciso que fique claro que quando me refiro ao racional em Clarice, razão não equivale à ausência de afeto. Quando me pergunta para que servem as emoções, não pensem em alguém desafetado ou guiado exclusivamente pelo racional. O racional em Clarice se refere àquilo que mantém a proporcionalidade, às medidas, ao que não extrapola. Assim, o que a desarvora são os excessos, a desmesura: a raiva que sente do marido e a paixão do mesmo pela outra mulher. Clarice foi construindo sua vida – não dentro de um projeto asséptico – mas ordenado. O casamento fora um espaço em que ganhara ordenação: ter filhos e um marido. Não conhecera a paixão,

pouco se interessara por outros homens. O escolhido fora aquele que a assediara por dez anos e ganhara sua confiança, não sua paixão. Assim, quando me pergunta: “Para que servem as emoções?” refere-se aos excessos, às emoções violentas, ao que escapa das medidas moderadas. Seria simplista pensar seu sofrimento como ciúmes. O casamento, em particular, fora um projeto de razoabilidade que cai por terra diante da imprevisibilidade da traição. A dor, quase onipotente, é de não poder curar. Os excessos é que precisam ser curados: a confusão e amargura maternas, a própria raiva, a paixão do marido. Este escapara de suas mãos cuidadoras: por que não anunciara o adoecimento (a paixão) que se aproximava paulatina e silenciosamente? Juntos cuidariam; assim como cuidara da mãe doente, do pai, de vizinhos necessitados, do tio chato. Escapara de seus movimentos de reparação. É diante do irreparável, do que foge ao seu controle que colapsa. Fracassara ao não conseguir trazê-lo de volta à razão, à moderação. Ciúmes, perda são palavras restritas, ralas para a compreensão de sua dor.

Reconhece que é aquela que viera ao mundo com uma missão – a de cuidar. É uma obrigação que não pesa, mas que também não traz maiores prazeres. Pensa que todos têm tal obrigação: uns fazem mais, outros menos. Um furor reparatório que pode ser vinculado à matriz: curar a mãe enlouquecida dentro de si (Pontalis, 1988b, p. 64). Fracassa, entretanto, dá a culpa que sente diante da mãe, a dor diante da partida do marido. Crescera num ambiente-deserto-de-afeto: nunca se sentira olhada. Fora conquistada pelo olhar insistente daquele. Casara por laços de confiança e tão poderosos, não insuficientes, não mais fracos que a paixão. Podia ser abandonada por qualquer um, mas nunca, nunca supusera que a traição viria dali onde ancorara aquilo que denominava seu único vínculo de confiança; ali, só ali, onde se sentira olhada. Fala de quebra de confiança e eu posso perceber que se ocultara uma desesperança congênita (Winnicott, 1994) por trás de seus movimentos reparatórios e do que denominava seu único vínculo de fé na vida.

Quando deixa de ser olhada por aquele homem, sente que cai tudo por terra: da Clarice missionária resta um nada – me afirma – rosto crispado de dor. Sem o olhar do único ser em que confiara, sente que deixa de existir. Restam suas experiências solitárias, ali onde a intensidade é permitida, mas a loucura ameaça. Mas isso é um nada, repete, um feixe de sensações difusas, que ninguém é capaz de compreender. Com quem poderá partilhar experiências tão estranhas? Sou eu agora a destinatária de suas comunicações e de tudo que não pode ser nomeado, do indizível que a atrai para o seu lugar. Entretanto, esse que diz ser seu lugar, me assegura – não é como missionária que se encontra e/ou sente prazer – mas na solidão sensorial, ela, que se denomina “a contemplativa”.

Solidão

Meu único caminho teria sido aceitar a marca de nascença, ficar sozinha, viver só. Meu erro foi a insistência, a procura incessante por um complemento, por um encontro, por uma companhia que fosse.
(Marilene Felinto, 2002)

Se o demasiado lhe é tão abominável, especialmente a raiva, as intensidades são bem vindas em outros tipos de experiências. Como já disse, seu lugar não é nas missões. Cuida por obrigação, mas sem peso ou maiores deleites. Ela se encontra é no jardim – escavando, cavando buracos, plantando flores inúmeras, marcando nas mãos, nas palmas, os calos da atividade que lhe devolve uma experiência de lugar. Ela se vê e se sente intensa no contato com a terra, com o vento, com o barro, com as pedras. Pode identificar-se com cada elemento (não apenas da natureza, mas principalmente): coloca-se “no lugar” da terra e pode, como esta, sentir-se úmida e porosa. Como argila se sente fria e compacta. Com a chuva é capaz de escorrer sem medo. Fusionada com os elementos, de contato em contato, vai vivenciando pequenos ou grandes êxtases que não podem ser partilhados com outros seres. O que tem de mais valioso é também sua maior desgraça. Porque me conta que se sente um ET – quem mais vivenciaria experiências tão estranhas quanto preciosas e intensas? Contemplativa, já desde a infância, quando admirava horas a fio aranhas em suas teias.

Entristece-se porque sente que também eu não partilho suas especiais experiências. Mas posso compreendê-la? Engatinhamos juntas... Acolho sua solidão, seu indizível tão maravilhoso quanto aterrorizador. E teço em silêncio minhas próprias considerações.

Dimensões da experiência

Eis-me diante de uma mulher adulta, que trabalha, que construiu sua vida apesar de um ambiente primário sem trocas de afeto – território pontuado de aridez. É uma mulher inteligente, ponderada, afetuosa, mas que mantém uma vida secreta de intensas experiências sensoriais. Aversa aos excessos emocionais, acolhe com sofreguidão os contatos sensoriais com o mundo. “Não escolheu” – me diz aflita – “é assim: ela é isso”.

Suponho um desamparo inicial, quando não estabeleceu com o objeto primário uma relação de fusão e de ilusão (Winnicott, 1975). Com cacos, retalhos do que o ambiente foi oferecendo, constituiu-se, mas dissociações se mantiveram.

O que tem de mais valioso não é a relação com os objetos, mas suas secretas e solitárias vivências sensoriais. Permaneceu oculta a menina contemplando teias de aranha: o que produz maravilhamento e estranhamento. Relata para mim esse modo primitivo de funcionar e espera que outro ser – que seja eu ao menos – compreenda e mais, que sinta do mesmo modo.

Recorro a Ogden e Tustin. O primeiro discorre sobre três modos de criar e organizar os significados psicológicos: cada um destes está associado a uma de três organizações psicológicas – a posição depressiva, a posição esquizoparanoide e a posição autista-contígua. O que me interessa aqui é a posição autista-contígua, esta, embora anterior às posições descritas por Melanie Klein, coexiste dialeticamente com as mesmas desde o início da vida psíquica: “é uma organização psicológica na qual a experiência de *self* está baseada na ordenação da experiência sensorial, particularmente das sensações na superfície da pele” (1996, p. 135). A palavra contígua designa superfícies que se tocam (pele, corpo): a cadência rítmica, a experiência de ser segurado ouvindo a voz da mãe, promovem as conexões e a organização da experiência. Assim, as superfícies de mãe e filho constituem uma unidade. Houve uma experiência de unidade com a mãe? Pergunto-me sobre Clarice.

É importante ressaltar o destaque dado à posição autista-contígua como modo mais primitivo de dar significado à experiência. Aqui, a angústia dominante refere-se ao colapso da sensação de delimitação sensorial. O terror constitui-se como sensação de cair ou de se derramar num espaço infinito e sem forma.

A experiência de objeto num modo de funcionamento segundo a posição autista-contígua se dá basicamente sob a forma de formas autísticas e objetos autísticos (Tustin, 1990). Aqui nos distanciamos do mundo objetal. Uma forma autística é uma “forma-sentida” (Tustin, 1990) “que consiste em impressões sensoriais idiossincráticas deixadas por um objeto quando este toca a superfície da nossa pele. Uma bola é a sensação de uma área de maciez firme que se cria quando o objeto toca a superfície da pele. Essas experiências primitivas relacionadas com objetos (experiências de contiguidade de superfícies) são calmantes por natureza.” (Ogden, 1996, p. 136)

A posição autista-contígua pode ser pensada como pré-simbólica e caracteriza-se por uma forma particular de relação com o objeto, na qual o objeto é uma experiência sensorial (principalmente com a superfície da pele). Quando Clarice me abraça é com força, mas não é apenas a celebração do encontro de duas pessoas que se gostam, mas ainda a busca da sensação do contato com as superfícies de nossos corpos. Também o prazer com que toca a terra ou sente o vento, remete-nos às “formas-sentidas” descritas por Tustin. Destaca-se a importância da compreensão

dessas experiências sensoriais tão celebradas pela paciente, que nos informam sobre sua forma de ingressar no mundo e proteger-se contra uma possível inospitalidade. Tais experiências trazem, portanto, uma dimensão de êxtase e de calmante.

Ogden identifica uma forma de isolamento que se associa a uma experiência do tipo autista-contígua que implica uma separação mais profunda dos seres humanos do que aquelas descritas por Winnicott: “o isolamento de tipo autista-contíguo implica, em algum grau, o ato de substituição da mãe como ambiente por um ambiente sensorial auto-gerado. Ao substituir a mãe ambiental por uma matriz de sensação autônoma, o bebê cria uma pausa essencial na tensão (e no terror intermitente) inerente ao processo de vir à luz no âmbito de seres humanos vivos.” (Ogden, p. 172)

A dimensão autista-contígua do isolamento constitui uma dimensão universal da experiência humana: representa um ponto de repouso ou um santuário dentro do processo de tornar-se (e ser) humano. O ambiente humano vivo é substituído por relações com experiências sensoriais totalmente confiáveis: “tais relações autistas-contíguas são maquinicas na precisão e, portanto podem ser pensadas como uma substituição do mundo humano por um não-humano. Contudo, o não-humano não é sinônimo de morto, as formas e objetos sensoriais não-humanos (maquinicos) proporcionam um contexto livre da imprevisibilidade das relações humanas vivas.” (p. 173)

Ogden ressalta que o que descreve é uma suspensão do mundo dos vivos e sua substituição por um mundo de “relações com sensações perfeitas”. Reconheço Clarice quando se isola em seu santuário de imprevisibilidades (através do contato com objetos inumanos), resguardando-se da relação com o mundo humano vivo – com o mundo que se mexe, que foge ao seu controle, o marido que se distancia, as emoções que esparramam.

É fundamental, segundo Ogden, que a mãe permita que seja substituída, mas também é igualmente importante que a mãe “seja capaz de competir com a perfeição do santuário dominado pelas sensações do bebê e devolvê-lo ao mundo dos vivos”. (p. 174) Suponho que em sua infância precoce, mais uma entre oito filhos, Clarice era deixada em seu refúgio proporcionado pela experiência de não existir no mundo dos vivos.

Vale ressaltar que essa forma de experiência – de relações com formas e objetos autísticos – constitui uma faceta da experiência humana que serve como anteparo contra a contínua tensão de estar vivo no mundo dos humanos: na ausência dessa faceta da experiência, ficamos sem pele e insuportavelmente expostos. No caso de Clarice, entretanto, o lugar de repouso tornou-se o lugar de se sentir viva (ou protegida?) – ali é que ela se reconhece. O santuário ganhou importância essencial em sua vida – como anteparo frente ao imprevisível e como fonte de sensações auto-geradas

intensas. O isolamento tornou-se mais importante que relacionar-se com o mundo humano vivo. E ela acredita que a verdadeira Clarice – seu lugar – é no santuário.

O modo de funcionamento autista-contíguo não existe isolado dos outros modos, estabelece uma interrelação dialética entre eles. Clarice não paralisou sua vida no modo mais primitivo, fez uma carreira de sucesso, constituiu uma família, construiu laços de amizade. Mas essas experiências sensoriais se mantiveram em segredo. Quando se espanta diante do óbvio que brota, quando pergunta sobre o porquê das emoções pressinto seu terror de experimentar emoções humanas profundas; daí as substitui por formas de sensação. (Tustin, 1990, p. 122). O sensorial é o refúgio necessário, intervalo entre as lutas que travara e trava com o mundo humano: a contemplação da teia de aranha quando criança, a experiência de prazer e êxtase no contato com a terra, com a dureza das pedras, com a sensação do vento na face.

O terror de enlouquecer fala do temor de aprisionamento sem volta no mundo de formas sensoriais. Como a paciente Mary de Tustin: “Ela está percebendo que pode ficar enclausurada lá para sempre e nunca ser capaz de escapar. Ela está percebendo que esconder-se em um mundo elementar de formas autoproduzidas é perigoso; ela pode nunca ser capaz de “fazer a volta” para viver no mundo normal de objetos e pessoas”. (p. 123)

O abandono do marido retirou-a violentamente de seu santuário sensorial, arremessando-a ao mundo das emoções profundas. A raiva, os excessos até então contidos irromperam e não se conformava, porque “não se reconhecia mais”. A perda do outro trouxera, como disse anteriormente, a perda de si, das fronteiras, dos diques que protegiam do demasiado que as ausências podem conter.

Mais do que como vivência de rejeição o abandono é vivido, segundo afirma Tustin, como “rupturas físicas reais em um substrato que experimentavam como os apoiando. Literal e fisicamente, eles sentem-se “traídos”. O chão parece ter-se aberto sob seus pés, e eles se sentem à beira de um abismo que surge diante de seus olhos”. (p. 157)

O abandono confirma aquilo que trouxera como dor mais profunda: um sentimento de solidão, de não pertencimento que sempre a acompanhara e que então, junto ao marido, era “driblado”. A solidão como “marca de nascença”, se agudiza quando preciso me afastar por motivo de saúde. Reencontramo-nos e, Clarice, amargurada, fala de sua solidão irremediável, da descrença do mundo dos humanos, da certeza de que o abandono está sempre presente no horizonte do devir humano. Minha presença e palavras não a trazem de volta – ante a ameaça do chão abrir-se sob seus pés, ante o terror de cair e cair mais uma vez.

Uma pele terrivelmente exposta advém quando perde seu lugar de repouso, o marido como vínculo com o mundo humano (assim falava), quando o seu projeto de razoabilidade falhara, quando eu partira sem mais nem porquê. Mãos calosas,

ossos duros, pele seca, vestes distraídas, pés descalços e eu, envolvida numa teia de delicadezas e afeto, eu que já fora cativada, percebo meus braços no ar, em vão, numa última tentativa de alcançá-la.

Últimas Palavras

Considerando sua história de vida e a ausência afetiva dos pais – a vivência de invisibilidade, no lugar de ser fonte de dor e de reconhecimento das falhas parentais, transformou-se em recurso para que sobrevivesse psiquicamente. O “santuário sensorial” foi a saída possível que possibilitou a criação de um mundo secreto e particular no lugar do confronto com o mundo inóspito da qual poderia ser possível habitante.

Como já disse anteriormente, outros modos de funcionamento psíquico impediam que o modo autista-contíguo dominasse sua experiência de vida. Assim, pode construir uma carreira de trabalho sólido, casar, ter filhos, estabelecer contatos afetivos. Penso que as emoções intensas eram vividas na relação com os filhos, entretanto, talvez ficassem circunscritas ali. O vínculo com o marido era forte, de confiança, mas nunca paixão. Este constituía a ponte que a ligava ao mundo dos humanos, de uma forma que grandes emoções não invadissem seu mundo interno.

Todavia, a separação trouxe à tona a turbulência emocional até então não contactada, daí a renitente indagação: “para que servem as emoções?” Vivia o ódio com estranhamento, não conseguia se conceber sendo a mesma: a que odeia, ama, se alegra, se entristece. Minha tarefa era a de acolher seus vários estados de ser, buscando uma continuidade que lhe possibilitasse o sentimento de que continuava sendo Clarice.

O colapso das defesas conduzira ainda à perda daquelas experiências sensoriais que possibilitavam estados de êxtase. Além de raras, surgia o medo de que as mesmas experiências a levassem ao isolamento total e à loucura.

Contratransferencialmente, nossos encontros despertavam em mim um desejo de compreendê-la, e um estado de atenção permanente e cuidadosa. Entretanto, seus aspectos mais primitivos me deixaram, de início, perplexa. Estar ao lado dela sem saber, como acontecem com vários encontros terapêuticos, fez parte da nossa história. Esta foi interrompida logo após o período de meu afastamento do consultório. Na volta, amargurada, reafirma sua solidão no mundo e a impossibilidade de contar com alguém. Novamente perplexa, pois supunha que nosso vínculo sobrevivesse à separação, desconsiderei a dor e vivência de descontinuidade que tal experiência poderia provocar.

¿Para que sirven las emociones?

Resumen: El siguiente artículo informa el encuentro clínico de un paciente con su analista, después de haber sido abandonada por su marido. Comprensión de la pérdida no se limita a la pena contra el abandono, pero sobre todo percibida como una pérdida de sí mismo y, más específicamente, lo que no, lo negativo: una integración y existencia psicósomática precariamente establecidos. La invasión de las emociones en exceso, la experiencia del odio, hasta ahora negada, llevó el paciente a un extrañamiento de sí mismo. A lo largo del proceso analítico, y gritó con desesperación, no sólo para el regreso de su marido, sino también por recuperar su anterior forma de ser en el mundo. Ante el horror de la experiencia de emociones profundas, se refugió en el contacto sensorial exacerbado con objetos y elementos de la naturaleza que a la vez produce un estado de asombro y el temor de volverse loco. Cuando se rompe el vínculo de confianza con su esposo, sus recursos de supervivencia psíquica colapsan, el temor a la agitación emocional extrema conduce a la pregunta insistente: “¿qué son las emociones?” En su relación con el analista se asienta una solicitud de la continencia y comprensión de las experiencias hasta ahora no compartida.

Palabras clave: la pérdida; la sensorialidad; la emoción; la posición de autismo contiguos; formas autistas.

Why the emotions?

Abstract: The following article reports the clinical encounter of a patient with her analyst, after being abandoned by her husband. The understanding of the loss is not restricted to grief against the abandonment, but is mostly perceived as a loss of self and, more specifically, what was not, the negative: for an integration and a psychosomatic existence poorly established. The invasion of excess emotions, the experience of hatred, hitherto denied, led the patient to a lack of self. Throughout the analytical process, she cried in despair not only for the return of her husband, but also by regaining her previous way of being in the world. Faced with the awfulness of the experience of deep emotions, she took refuge in exaggerated sensory contact with objects and elements of nature that simultaneously produced a state of wonder and a fear of going crazy. When it breaks the bond of trust with her husband, her survival psychic resources breakdown, the fear of extreme emotional turbulence leads to the insistent question: “what are emotions?” In the relationship with the analyst sets up a request of holding and understanding of the experiences so far not shared.

Keywords: loss; sensory; emotion; autistic-contiguous position; autistic forms

Referências

- Bion, W.R. (1977). Emotional turbulence, in borderline personality disorders. New York: International University Press. Reprinted in *Clinical Seminars and Other Works*. London: Karnac.
- Bollas, C. (1989). *Forças do destino. Psicanálise e idioma humano*. Rio de Janeiro: Imago, 1992.
- Donnet, J.-L. (1976). *Contre-transfert, transfert sur l'analyse*. *Revue Française de Psychanalyse*, 3, 443-454.
- Felinto, M. (1992). *As mulheres de Tijucoapó*. Rio de Janeiro: Editora 34.
- Felinto, M. (2002). *Obsceno abandono*. Rio de Janeiro: Record.
- Figueiredo, L.C. (2009). A psicanálise e a clínica contemporânea. Uma introdução. In L.C. Figueiredo, *As diversas faces do cuidar: novos ensaios de psicanálise contemporânea*. São Paulo: Escuta.
- Green, A. (1980) As paixões e suas vicissitudes. In A. Green, *Sobre a loucura pessoal*. Rio de Janeiro: Imago.
- Nasio, J.-D. (1997). *O livro da dor e do amor*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Ogden, T.H. (1996). *Os sujeitos da psicanálise*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Pontalis, J.-B. (1988a). Não, duas vezes não: tentativa de definição e desarticulação da “reação terapêutica negativa”. In J.-B. Pontalis, *Perder de vista – da fantasia de recuperação do objeto perdido*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Pontalis, J.-B. (1988b) O homem imóvel. In J.-B. Pontalis, *Perder de vista – da fantasia de recuperação do objeto perdido*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Tustin, F. (1990). *Barreiras autistas em pacientes neuróticos*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Winnicott, D.W. (1962) Os objetivos do tratamento psicanalítico. In D.W. Winnicott, *O ambiente e os processos de maturação*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Winnicott, D.W. (1969) A experiência mãe bebê de mutualidade. In D.W. Winnicott, *Explorações psicanalíticas*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Winnicott, D.W. (1975) Objetos transicionais e fenômenos transicionais. In D.W. Winnicott, *O brincar e a realidade*. Rio de Janeiro: Imago.

Fátima Flório Cesar
Rua Carlos Sattelmayer 23
12242-450 São José dos Campos, SP
fatacesar@uol.com.br

